

O que é metapsicologia científica?

Carlos Eduardo de Sousa Lyra*

INTRODUÇÃO

A psicanálise, tradicionalmente, é dividida em teoria e prática. Ambas são complementares e, em geral, aparecem mescladas no trabalho do psicanalista. Contudo, é possível analisá-las de um ponto de vista didático, separando-as a fim de obter uma melhor compreensão das dimensões que compõem o universo da psicanálise. Nesse sentido, primeiramente, devemos esclarecer o que viria a ser a “teoria psicanalítica”. Para tanto, podemos recorrer ao argumento utilizado por Laplanche¹, de que a teoria psicanalítica pode ser dividida em dois níveis.

No nível I, temos as teorias sexuais infantis, isto é, “ideologias, mitos, formalizações que, como tais, não poderiam ser nem refutadas nem provadas pela psicanálise”¹ (p. 83). Essas teorias são elaboradas no discurso dos próprios pacientes e, posteriormente, são sistematizadas pela psicanálise, vindo a

constituir generalizações denominadas de complexos (por exemplo, complexo de Édipo, complexo de castração). Segundo Laplanche¹, essas ficções costumam ser bastante criticadas pelos opositores da psicanálise.

Por outro lado, no nível II, temos a metapsicologia, um modelo teórico construído para descrever e explicar aquilo que é fornecido como dado no nível I. A metapsicologia, portanto, pretende ser uma teoria refutável e falsificável¹. É nesse sentido que podemos sustentar a idéia de uma metapsicologia científica. Assim, alguns conceitos, como o de inconsciente, recalque, pulsão, entre outros, podem reivindicar sua natureza metapsicológica.

Tendo definido o que entendemos por “teoria psicanalítica”, podemos contrapô-la à dimensão da prática psicanalítica. Esta pode ser dividida em uma práxis e uma teoria da técnica psicanalítica. A práxis envolve toda a dimensão ética da experiência psicanalítica, marcada por uma ética do desejo, que difere da ética moral. Essa práxis envolve conceitos como “desejo do analista” e “contratransferência”, entre outros, e foi

* Psicólogo. Mestrando em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ. Bolsista, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

desenvolvida e aprofundada no ensino de Lacan. Segundo esse psicanalista, a ética é a “dimensão mais profunda do movimento do pensamento, do trabalho e da técnica analíticos”² (p. 248). Por outro lado, temos a teoria da técnica, que abrange conceitos como “associação livre”, “resistência”, “transferência”, “interpretação de sonhos e parapraxias”, entre outros.

Muitos dos conceitos envolvidos na prática psicanalítica podem ser explicados do ponto de vista metapsicológico. Dentre os conceitos citados, destacamos o de “transferência” como principal instrumento da prática psicanalítica, sem o qual todo tratamento psicanalítico perde o seu sentido. A tendência da psicanálise atual é a de se concentrar na análise da transferência como instrumento privilegiado de trabalho, deixando de lado outros dispositivos técnicos, como, por exemplo, a interpretação de sonhos. Embora a transferência se coloque no centro de toda a prática psicanalítica, não podemos utilizá-la como instrumento único e exclusivo no processo psicanalítico, uma vez que os outros dispositivos citados devem auxiliar no andamento desse processo, inclusive no desenvolvimento do próprio vínculo transferencial.

Assim, uma vez estabelecida a divisão entre teoria e prática em psicanálise, não resta dúvidas de que a metapsicologia, enquanto teoria explicativa, pode reivindicar a qualidade de ser científica³. É a partir da metapsicologia, enquanto modelo científico da mente, que a neurociência atual pode estabelecer um diálogo fecundo com a psicanálise⁴.

METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia, a psicanálise oferece um método próprio, baseado na observação empírica dos dados clínicos; podemos caracterizá-lo como um método hipotético-dedutivo. Freud elabora a metapsicologia a partir da observação dos pacientes, analisando seus discursos e remetendo-os a um modelo abstrato da mente (isto é, o “aparelho psíquico”); ou seja, ele formula hipóteses e deduz estruturas do psiquismo a partir das evidências clínicas. Por outro lado, a afirmação de que, em psicanálise, as teorias advêm da prática clínica pode não ser completamente verdadeira, pois Freud⁵ elaborou grande parte do que viria a ser a teoria psicanalítica antes mesmo da criação da própria psicanálise, em sua “Psicologia para neurologistas”, texto publicado postumamente com o título de *Projeto para uma psicologia*

científica (1895). Em outras palavras, podemos supor que Freud deduziu as estruturas básicas que compõem seu modelo de psiquismo a partir de sua experiência anterior como neurocientista e aprimorou esse modelo confrontando-o com os dados advindos da prática clínica, construindo, assim, a metapsicologia.

A neurociência, na época de Freud (final do século XIX e início do século XX), estava longe de fornecer instrumentos fidedignos e capazes de oferecer a comprovação biológica para as teorias elaboradas pelo psicanalista austríaco. Atualmente, no entanto, a situação é bem diferente: a neurociência evoluiu de maneira surpreendente nas últimas décadas do século XX, a ponto de oferecer, na atualidade, a possibilidade de observar o cérebro em pleno funcionamento. Trata-se de um momento sem precedentes na história da ciência, no qual os diversos ramos da neurociência, em conjunto, estão aptos a desvendar o mistério da mente.

O método neurocientífico, não obstante, diverge do psicanalítico por ser um método indutivo, baseado em experimentos passíveis de serem testados em laboratório. Isso imprime uma maior confiabilidade aos resultados obtidos por esse método; além de uma aceitação mais abrangente por parte da comunidade científica.

Se afirmamos que a metapsicologia freudiana pretende ser científica, então os resultados obtidos pelo método psicanalítico deveriam coincidir – senão totalmente, mas em grande parte – com os resultados fornecidos pelo método neurocientífico. Do contrário, a metapsicologia não poderia ser considerada uma teoria científica fidedigna. No entanto, se o que caracteriza uma teoria científica é sua possibilidade de ser refutada ou falsificada, é de se esperar que a metapsicologia possa vir a ser corrigida, ou modificada, pelos dados obtidos com o método neurocientífico. Essa possibilidade de confrontar o método psicanalítico com o método neurocientífico ofereceria à metapsicologia um duplo critério de verdade, dando subsídios para que as teorias elaboradas por Freud, e pelos demais psicanalistas, possam ser corroboradas ou refutadas pela neurociência atual. A junção dos dois métodos citados tem sido utilizada na investigação de pacientes com lesões neurológicas, constituindo um novo campo de estudos, denominado de neuropsicanálise⁶.

OBSTÁCULOS CONCEITUAIS

Não obstante, para poder reivindicar seu lugar como disciplina científica, a metapsicologia tem que, independentemente da neurociência, resolver suas próprias contradições internas. Nesse sentido, alguns conceitos em psicanálise parecem colocar obstáculos à realização de uma metapsicologia científica. Dentre esses conceitos, podemos apontar dois: o complexo de Édipo e a pulsão de morte.

O complexo de Édipo tornou-se o núcleo para o qual aponta toda tentativa de explicação causal dos fenômenos psíquicos em psicanálise. Freud afirmava que o complexo de Édipo era um conceito universal e necessário; contudo, esse conceito foi bastante criticado ao longo do tempo. Lacan, por sua vez, tentou resolver o problema ao conceber o complexo de Édipo como uma estrutura^{7,8}. Embora a solução lacaniana pareça interessante como resposta às críticas recorrentes, o problema ainda persiste na medida em que o conceito de complexo de Édipo é utilizado como referência para explicar toda a gênese da sexualidade humana ou mesmo a gênese do sujeito.

Como vimos anteriormente, o conceito de complexo de Édipo deve ser classificado como teoria pertencente ao nível I, segundo a classificação de Laplanche¹, sendo, assim, um conceito advindo das teorias sexuais infantis. Não se trata, portanto, de um conceito necessário, mas de uma generalização. Um exemplo disso é que a teoria psicanalítica winnicottiana é construída a partir de um paradigma não-edipiano⁹ e, contudo, não deixa de ter sua eficácia como teoria explicativa. Dessa forma, torna-se fundamental para a psicanálise limitar o uso do conceito de complexo de Édipo como chave-mestra capaz de abrir e fechar todas as portas¹. É necessário restringir o conceito a alguns fenômenos clínicos.

Outro obstáculo conceitual ao avanço da metapsicologia é o conceito de pulsão de morte. Esse conceito não é compatível com a ciência biológica, principalmente no que diz respeito ao pensamento evolucionista, amplamente aceito pela comunidade científica. A evolução defende a propagação da vida, não admitindo, portanto, a existência de uma pulsão de morte que se opõe à vida e conduz o ser vivo ao inanimado¹⁰.

Uma proposta interessante seria a de tentar responder as questões levantadas por Freud com o conceito de pulsão de morte a partir do

conceito de narcisismo. Segundo Maia¹¹, os três determinantes do conceito de pulsão de morte em Freud são: 1) a compulsão à repetição; 2) os princípios de ligação-desligamento; e 3) a agressividade. De acordo com Maia¹¹, o conceito de narcisismo seria suficiente para explicar os três determinantes acima relacionados, o que possibilitaria a rejeição do conceito de pulsão de morte. Nesse sentido, Maia aponta o narcisismo como sendo regulado pelo princípio de redução ao zero (a partir do conceito de compulsão à repetição), como sendo aquele pólo do psiquismo que empreende a negação da alteridade (através do desligamento pulsional) e que reage à dependência dos objetos (através da agressividade)¹¹. Trata-se de uma argumentação útil, na medida em que se mostra plausível com a tentativa de estabelecer um diálogo com a biologia.

Assim, limitando o uso do conceito de complexo de Édipo e rejeitando o conceito de pulsão de morte, a psicanálise poderia avançar consideravelmente no diálogo com a neurociência, a partir de uma metapsicologia científica.

QUESTÕES FORMULADAS PELA METAPSICOLOGIA CIENTÍFICA

Tendo avaliado as dimensões epistemológica e metodológica, bem como os principais obstáculos conceituais à realização da metapsicologia enquanto teoria científica, passemos, então, ao exame das questões mais fundamentais que são formuladas pela metapsicologia científica.

Pulsão versus instinto

A questão do significado do conceito de *Trieb* na obra de Freud tem gerado algumas controvérsias³. Como veremos mais adiante, o problema da tradução a partir dos originais em alemão não raramente conduz a equívocos na interpretação da obra freudiana, principalmente no que se refere aos conceitos da metapsicologia.

A palavra *Trieb* pode ser traduzida como pulsão ou instinto. Outra palavra alemã, *Instinkt*, também é utilizada por Freud para se referir, neste caso, apenas ao instinto no seu sentido exclusivamente biológico. Apesar de reconhecer a diferença entre *Trieb* e *Instinkt*, Andrade³ propõe que se traduza *Trieb* como instinto, pois acredita, entre outras coisas, que o termo é menos inadequado, mais simples e

mais fiel aos escritos de Freud. Por outro lado, boa parte dos psicanalistas traduz *Trieb* como pulsão. Esta será nossa posição neste artigo.

Independentemente, portanto, da tradução utilizada, parece haver argumentos suficientes para considerar o conceito de *Trieb* como distinto de *Instinkt*. A pulsão se diferencia do instinto biológico na medida em que agrega qualidades psicológicas a este último. Somente a pulsão possui plasticidade, é capaz de se adaptar a uma infinidade de objetos. A pulsão é aquilo que movimenta um sujeito em direção a um objeto.

Essa plasticidade da pulsão está associada à própria plasticidade neural. O ser humano é o único animal que nasce com o cérebro imaturo. Os demais animais agem por instinto. A influência do ambiente na maturação do cérebro humano é extraordinária, o que o levou a desenvolver habilidades e capacidades cognitivas sem precedentes na cadeia evolutiva.

Assim, podemos dizer que a pulsão sexual (libido) se diferencia do instinto sexual, pois, diferentemente dos animais, a sexualidade humana não está apenas a serviço da reprodução e da conservação da espécie, mas é perversa, ou seja, vai além da genitalidade e adquire um caráter mais amplo¹². Da mesma forma, o instinto de autoconservação é ampliado na pulsão de conservação do indivíduo biopsíquico, ou seja, no conceito de pulsão do ego. De uma maneira mais resumida, podemos dizer que a pulsão do ego está para a libido assim como a conservação do indivíduo biológico está para a conservação da espécie¹¹.

Representações e afetos

De acordo com a metapsicologia freudiana, a pulsão só se manifesta, no psiquismo, na forma de representantes psíquicos, que são de duas naturezas distintas: **representações** e **quotas de afeto**³.

As representações psíquicas são inscrições que se apresentam como traços mnêmicos e determinam apenas o fator qualitativo referente às idéias e pensamentos¹³. Há apenas dois tipos de representações: as **representações de coisa**, que são restritas ao sistema inconsciente; e as **representações de palavra**, que são componentes qualitativos restritos ao sistema pré-consciente/consciente¹³.

As quotas de afeto, por sua vez, são os representantes quantitativos do psiquismo^{13,14}. As quantidades atribuídas às quotas de afetos

podem variar de acordo com a intensidade da experiência inscrita na forma de traço mnêmico, ou representação, no psiquismo. Apenas as quotas de afeto, enquanto representantes psíquicos, podem transitar do sistema inconsciente para o sistema pré-consciente/consciente^{13,14}.

É importante ressaltar que “a **quota de afeto** se distingue do **afeto** propriamente dito, uma vez que a primeira diz respeito à quantidade de energia psíquica, enquanto o segundo é a percepção de uma descarga desta energia, que atinge o somático. É por isso que Freud não considera a existência de afetos inconscientes, uma vez que toda percepção deve passar necessariamente pela consciência. Contudo, podemos falar de **quota de afeto inconsciente**”¹⁵ (p. 86).

Freud expressou claramente as dificuldades relacionadas ao estudo dos afetos^{13,16}. Assim, o estudo dos afetos parece ter sido, de certa forma, colocado em segundo plano pela psicanálise. Segundo Green¹⁷, isso se deve à “ausência de uma teoria psicanalítica do afeto satisfatória” (p. 8). Dentre os afetos estudados por Freud, a ansiedade (*Angst*) é, sem dúvida, o mais profundamente investigado^{16,18}. Freud ressalta a importância do afeto para a teoria psicanalítica como um todo e, em particular, para a teoria do recalque. Por outro lado, não desenvolve suficientemente a problemática do afeto, deixando em aberto muitas questões a respeito dos conceitos envolvidos “nessa região obscura”¹⁶ (p. 462).

Teoria do recalque

Tendo delineado alguns dos conceitos básicos da metapsicologia freudiana, passemos à teoria do recalque, fundamento maior da teoria psicanalítica¹⁹. É importante, antes de tudo, distinguir entre os conceitos de **recalque**, **repressão** e **supressão**, visto que, não raro, o uso impreciso de tais conceitos pode causar desde falhas sutis na compreensão até mal-entendidos que comprometem o entendimento correto da metapsicologia¹⁵.

Para evitar a possibilidade de confusão, definiremos previamente os termos que serão utilizados em nossa discussão. Assim, utilizaremos o termo **recalque**, traduzido do francês *refoulement*, para nos referirmos apenas ao **recalque originário ou primário** (do alemão *Urverdrängung*; do francês *refoulement originaire*; do inglês *primal repression*). Por sua vez, utilizaremos os

termos, traduzidos do inglês, **repressão** (do alemão *Verdrängung*; do francês *refoulement*; do inglês *repression*) e **supressão** (do alemão *Unterdrückung*; do francês *répression*; do inglês *supression*) para nos referirmos, respectivamente, ao **recalque secundário** e à “operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto, etc.”²⁰ (p. 457). A escolha desse procedimento em particular visa simplificar o entendimento dos conceitos ao associá-los, em cada caso, a apenas um vocábulo.

Dessa maneira, tendo definido os termos com os quais iremos trabalhar, podemos iniciar nossa discussão a respeito da teoria do recalque.

O **recalque** (originário) é o responsável pela divisão ou clivagem do aparelho psíquico em dois grandes sistemas: o inconsciente (*Ics*) e o pré-consciente/consciente (*Pcs/Cs*). Estamos, portanto, nos referindo ao inconsciente em seu sentido sistemático^{13,21}. Em um primeiro momento, poderíamos dizer que as principais características do *Ics* é que o mesmo funciona sob o **princípio do prazer-desprazer** e pelo **processo primário** (ver argumentação mais adiante), admitindo apenas **representações de coisa** em seu interior¹³; é também o local onde se originam as **quotas de afeto**. O **recalque** (originário) é o responsável pelo aparecimento da linguagem e do processo de tradução¹ – ou reinscrição do traço mnêmico (de acordo com a “hipótese tópica”) – que permitirá reinscrever as **representações de coisa** (próprias do *Ics*) em **representações de palavra** (no *Pcs/Cs*). Há fortes razões para se atribuir à região cerebral do hipocampo a função relacionada ao **recalque** (originário)¹⁵. Dentre essas razões, podemos afirmar que: 1) o hipocampo é responsável por traduzir as memórias implícitas (inconscientes) em memórias declarativas ou explícitas (conscientes); 2) a maturação do hipocampo se dá em torno dos 2 anos de idade, coincidindo com o aparecimento da linguagem verbal¹⁵.

A **repressão** (ou recalque secundário) é a “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão”²⁰ (p. 430). Nesse sentido, o que é repelido e mantido em estado inconsciente é uma representação de palavra que, outrora, teria sido, ao menos uma vez, consciente. Estamos falando, portanto, de um inconsciente dinâmico²¹. Segundo Izquierdo²², “trata-se de

memórias declarativas, quase sempre episódicas, que o indivíduo simplesmente decide ignorar, e cuja evocação suprime, muitas vezes durante décadas” (p. 30). O conteúdo dessas memórias reprimidas são desagradáveis para o ego, por isso são tornadas inconscientes (de acordo com a “hipótese funcional”). Contudo, podem retornar à consciência através de um trabalho de associação livre, em psicanálise ou, em alguns casos, espontaneamente²². Esses conteúdos, ou representações de palavra, segundo Freud, são atraídos pelo núcleo do *Ics*¹⁴, que foi submetido ao **recalque** (originário). Segundo Izquierdo, “a repressão envolve provavelmente sistemas corticais capazes de inibir a função de outras áreas corticais ou do hipocampo”²² (p. 31). Essa possível relação com o hipocampo poderia corroborar a hipótese freudiana da relação entre a **repressão** (recalque secundário) e o **recalque** (originário). Já a provável relação com a inibição da função de outras áreas corticais foi comprovada recentemente por Ramachandran no exame de pacientes com anosognosia, mostrando mais precisamente a importância da relação entre os hemisférios cerebrais na produção de alguns dos mecanismos de defesa descritos por Freud⁶.

A **supressão**, por sua vez, já descrita anteriormente, está relacionada com a memória de trabalho e, portanto, com o córtex pré-frontal²². Essa região privilegiada do córtex cerebral é responsável pela evocação de memórias, que “dura desde poucos segundos até, no máximo, 1-3 minutos”²² (p. 51). O córtex pré-frontal também está relacionado com a percepção e a atenção e também tem ligações com o hipocampo²². Poderíamos relacionar o córtex pré-frontal e sua função de evocar memórias com o que Freud denomina de sistema percepção-consciência (*Pcpt – Cs*)²³ ou antigo sistema de neurônios *w*⁵. Seria, portanto, a região responsável pela percepção e pela consciência. Essa região, sem dúvida, funciona sob o **princípio de realidade**, pelo **processo secundário**. Também não há dúvidas de que uma representação de palavra só pode se tornar consciente se for investida de uma determinada quota de afeto¹⁵. Podemos chamar de inconsciente, no sentido descritivo^{13,21}, toda representação que está fora da consciência (*Pcpt – Cs*).

Uma vez definidos o que chamamos de **recalque**, **repressão** e **supressão**, também definimos os sentidos sistemático, dinâmico e descritivo do termo “inconsciente”. Da mesma forma, definimos o que seria a consciência

(*Pcpt – Cs*). Resta, portanto, dizer o que seria o pré-consciente. Para isso, também temos que levar em consideração o sentido dinâmico (“hipótese funcional”) e dizer que o pré-consciente é a região cujo conteúdo se encontra entre o que é suprimido pela consciência e o que foi submetido à **repressão** (recalque secundário).

Definimos, portanto, a primeira tópica freudiana (inconsciente, pré-consciente e consciente). No entanto, surgem algumas questões. Primeiramente, sabemos que o processo primário, bem como o princípio de prazer/desprazer, é próprio do sistema *Ics*; por outro lado, não resta dúvida de que o processo secundário, juntamente com o princípio de realidade, atua na consciência (sistema *Pcpt – Cs*). No entanto, entre esses dois sistemas, há uma zona intermediária, formada pelo pré-consciente e pelo inconsciente dinâmico, que parece problemática. Podemos chamar esta região de **zona defeituosa**.

Segundo Laplanche & Pontalis²⁰, “assim como certos conteúdos do inconsciente, como assinalou Freud, são modificados pelo processo secundário (por exemplo, as fantasias), também elementos pré-conscientes podem ser regidos pelo processo primário (restos diurnos no sonho, por exemplo). De modo mais geral, podemos reconhecer nas operações pré-conscientes, sob o seu aspecto defensivo, o domínio do princípio de prazer e a influência do processo primário” (p. 351).

Assim, parece que, para resolver o problema atribuído a essa zona defeituosa, temos que admitir a hipótese de que o inconsciente dinâmico funcionaria, por atração e por adesão ao sistema *Ics*¹⁴, pelo processo primário e sob o princípio de prazer/desprazer; e que o pré-consciente, por sua vez, funcionaria pelo processo secundário e sob o princípio de realidade, devido à possibilidade de se tornar consciente; embora, em ambos os casos, como vimos, haja exceções²⁰. Dessa forma, encontramos uma solução parcimoniosa para o problema do que chamamos de **zona defeituosa**.

Outra questão que surge – mas que não se trata de um problema no mesmo sentido que o anterior – é a diferença entre o que chamamos de **repressão** e **supressão**. Nesse caso, a diferença é apenas dinâmica. O que é reprimido é apenas o que foi suprimido da consciência num grau mais elevado e por motivos mais fortes. Ora, o que é suprimido da consciência e apenas se torna pré-consciente não está senão obedecendo a uma tendência natural e

adaptativa da consciência²², que não suportaria uma grande quantidade de representações (memórias) funcionando ao mesmo tempo¹⁵. A supressão, portanto, bem como o esquecimento, nesse sentido, é um processo necessário²². Já o que foi reprimido, o foi num sentido bem mais forte que o simplesmente suprimido – foi repellido (de acordo com a “hipótese funcional”) pela consciência num grau mais elevado, devido ao conteúdo desagradável que ameaçaria a integridade do ego. Portanto, podemos afirmar mais uma vez que, ao que nos parece, a diferença entre o reprimido e o suprimido é apenas dinâmica.

Outras questões

Outra questão de interesse para a realização de uma metapsicologia científica seria o exame da natureza do *Ics* e sua relação com as memórias implícitas (emocionais e procedurais). Nesse sentido, pode-se investigar a relevância do conceito de **inconsciente procedural**²⁴ para a psicanálise, como também propor uma diferenciação desse conceito em relação ao **inconsciente emocional**, definindo o papel desempenhado pelas memórias procedurais, emocionais e traumáticas na gênese de uma teoria do trauma e, mais especificamente, na compreensão do conceito de **compulsão à repetição**¹⁰.

A abordagem do conceito de **compulsão à repetição** empreendida por Freud¹⁰ em *Além do princípio de prazer* (1920) vem trazer problemas para a concepção metapsicológica do aparelho psíquico desenvolvida até então. Com a introdução do conceito de **compulsão à repetição**, teremos que admitir algumas modificações na compreensão do *Ics* enquanto sistema. Primeiramente, começaremos por questionar o que, num primeiro momento (em trecho acima), parecia inquestionável: que o *Ics* funciona pelo processo primário. Considerando a diferenciação entre o sistema *Ics* – possibilitado a partir da existência do **recalque** (originário) – e o inconsciente dinâmico – submetido à **repressão** (ou recalque secundário) –, teríamos que admitir, seguindo uma nova hipótese, que o *Ics* funcionaria simplesmente por **compulsão à repetição**, enquanto o inconsciente dinâmico é que, de fato, funcionaria pelo processo primário. Essa nova abordagem só se sustenta na medida em que se atribui à **compulsão à repetição** o papel de “resistência do inconsciente”²⁵, ou seja, essa compulsão seria a responsável pela atração exercida pelo *Ics* sobre as representações reprimidas através

do processo de **repressão** (ou recalque secundário)¹⁸. Essa hipótese parece interessante, mas, ao mesmo tempo, também se apresenta como um problema, na medida em que temos que rever o modelo defendido até então. Laplanche²⁵ adota essa hipótese, considerando o inconsciente reprimido como um dos dois níveis do sistema *Ics*, e, mais precisamente, aquele nível que, de fato, funciona pelo processo primário. O outro nível do *Ics*, segundo Laplanche²⁵, seria formado pelas representações submetidas ao **recalque** (originário), ou seja, aquelas representações originais que jamais passaram pela consciência, isto é, que sempre foram inconscientes¹⁵. Laplanche as chamará de **representações-coisa** (num sentido diferente das “representações de coisa”)²⁵.

É por conta desses problemas que apresentamos acima que Freud adota a denominação **id**, derivada do modelo estrutural da segunda tópica²¹, para se referir ao antigo sistema *Ics*, da primeira tópica²⁰.

Assim, podemos relacionar o conceito de **representação-coisa** com as memórias implícitas em geral¹⁵, atribuindo-as a característica principal de funcionarem segundo uma **compulsão à repetição**¹⁰.

Por último, parece importante, ainda, considerar o avanço da neurociência na compreensão do mecanismo de formação dos sonhos^{6,26}, que tem confirmado algumas das hipóteses freudianas sobre o processo de elaboração onírica²³.

CONCLUSÃO

Apontamos, neste estudo, a metapsicologia como espaço teórico privilegiado para realização de um diálogo produtivo entre a psicanálise e a neurociência. Mostramos, assim, a importância de um estudo aprofundado da metapsicologia freudiana, bem como das contribuições de outros teóricos da psicanálise à mesma. Reconhecemos as limitações do modelo metapsicológico freudiano, isto é, a existência de alguns problemas conceituais que devem ser resolvidos pelos teóricos pós-freudianos; no entanto, isso não impossibilita a tentativa de dialogar com a neurociência, na medida em que o caráter de ser passível à refutação ou falsificação é que faz da metapsicologia uma teoria científica¹. É necessário, portanto, empreender novas revisões e efetuar eventuais acréscimos à metapsicologia, para

que esta continue oferecendo um modelo adequado tanto para a reflexão acerca da prática clínica quanto para o diálogo com a neurociência, de modo que possamos chamá-la de metapsicologia científica.

REFERÊNCIAS

1. Laplanche J. A psicanálise como anti-hermenêutica. *Psicanalítica*. 1995;3(3):71-86.
2. Lacan J. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
3. Andrade VM. Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
4. Lyra CES. Neurociência e psicanálise: o início de um diálogo. *Neurocienc*. 2004;1(3):184-6.
5. Freud S. Projeto para uma psicologia científica (1950/[1895]). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 385-529.
6. Kaplan-Solms K, Solms M. O que é a neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise. São Paulo: Terceira Margem; 2004.
7. Lacan J. O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
8. Lacan J. O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
9. Loparic Z. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*. 1996;9(17):41-7.
10. Freud S. Além do princípio de prazer (1920). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 11-85.
11. Maia LM. Análise de três determinantes do conceito de pulsão de morte. *Psicanalítica* 1995;3(3):101-27.
12. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 117-228.
13. Freud S. O inconsciente (1915). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 183-245.
14. Freud S. Repressão (1915). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 163-82.
15. Lyra CES. Metapsicologia científica: revisando os fundamentos da teoria psicanalítica do recalque. *Neurocienc*. 2005;2(2):84-9.
16. Freud S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 [1916-1917]). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 457-79.
17. Green A. O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: F. Alves; 1982.
18. Freud S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926/[1925]). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 93-201.
19. Freud S. A história do movimento psicanalítico (1914). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 11-82.
20. Laplanche J, Pontalis JB. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
21. Freud S. O ego e o id (1923). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 11-83.

22. Izquierdo I. Memória. Porto Alegre: Artmed; 2002.
23. Freud S. A interpretação de sonhos (1900). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990. p. 323-611.
24. Kandel ER. Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry. *Am J Psychiatry*. 1999;156(4):505-24.
25. Laplanche J. Breve tratado do inconsciente. *Psicanálítica* 1997;5(5):7-43.
26. Ribeiro S. Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Rev Bras Psiquiatr*. 2003;25(Supl 2):59-63.

RESUMO

No presente artigo, o autor procura apresentar as bases epistemológicas, metodológicas e conceituais para uma metapsicologia científica, que ofereceria um espaço teórico privilegiado para o diálogo entre a psicanálise e a neurociência. Assim, o autor considera os possíveis obstáculos à tentativa de estabelecer esse diálogo (complexo de Édipo e pulsão de morte) e também formula as principais questões levantadas pela metapsicologia científica. Dentre as questões apresentadas pelo autor, encontramos: a problemática pulsão versus instinto; os conceitos de representações e (quotas de) afetos; os fundamentos da teoria do recalque; e a relevância do conceito de compulsão à repetição.

Descritores: *Psicanálise, neurociências, psicoterapia.*

ABSTRACT

In this article, the author presents the epistemological, methodological and conceptual bases for a scientific metapsychology, which would offer a privileged theoretical space for the dialogue between psychoanalysis and neuroscience. Thus, the author considers the possible obstacles to the attempt of establishing this dialogue (Oedipus complex and death instinct), as well as formulates the main questions raised by scientific metapsychology. Among the questions presented by the author are: the pulsion versus instinct problem; the concepts of presentations and (quotas of) affections; the foundations of the theory of repression; and the relevance of the concept of repetition compulsion.

Keywords: *Psychoanalysis, neurosciences, psychotherapy.*

Title: *What is scientific metapsychology?*

Correspondência:

Carlos Eduardo de Sousa Lyra
Av. Argemiro de Figueiredo, 2039, Bessa
CEP 58037-030 – João Pessoa, PB
Tel.: (83) 3246-1986
E-mail: ceslyra@hotmail.com

Copyright © Revista de Psiquiatria
do Rio Grande do Sul – SPRS